

LITERATURA PARA QUÊ?

Luciana Bessa Silva

(Universidade Federal do Ceará)

(bessaluciana@hotmail.com)

Resumo:

Conceituar ou definir um vocábulo não é tarefa fácil, principalmente, se o termo é Literatura – palavra de caráter polissêmico e polifônico. As perguntas o que é Literatura? e para que Literatura? ultrapassam os séculos, contudo suas respostas tendem a ser provisórias, pois cada época é permeada de novos conceitos e ideologias. Essa arte que se utiliza da palavra é um registro subjetivo de acontecimentos e fatos históricos, dos costumes de uma época, das mazelas pelos quais o homem passa. Ela é um meio privilegiado de comunicação. Descreve o amor, enfatiza a dor e reflete sobre si mesma. A Literatura é um “compromisso” que o escritor assume com sua época e, dessa forma, é um poderoso instrumento para analisar as relações sociais e de poder entre seus membros. A Literatura (des) aliena o homem, o torna mais crítico, mais compromissado consigo e com o outro, encoraja-o a expressar seus sonhos, seus anseios, seus valores, a lutar por aquilo em que acredita. Sua utilidade, portanto, não está no sentido de resolver os problemas políticos, sociais e econômicos existentes em nossa sociedade. Mas contribui, essencialmente, para a formação dos homens, levando-os a refletir sobre si e sobre o outro. Nesse sentido, nos propomos refletir sobre o que é Literatura e para que Literatura. Trata-se de um texto bibliográfico-exploratório baseado em: Compagnon (1996), Candido (1995), Lajolo (1986), Lopes (2003), Sartre (1999) entre outros. A arte literária não surge do nada ou de um processo de pura imaginação. Ela é resultante dos acontecimentos sociais, políticos e econômicos de uma época. Sobretudo, é resultado de um processo de burilamento da própria palavra. Em um mundo tecnológico e mercadológico entender o que é Literatura, para que Literatura, sobremaneira ler Literatura é fundamental para não nos perdemos em uma cultura massificada. Viver em sociedade pressupõe que tenhamos bens de produção e bens de consumo. Consumamos, pois, Literatura.

Palavras-chaves: Literatura, Leitor, Utilidade.

Introdução

Há algumas portas que se abrem com a criatividade, a inteligência e o trabalho de aprimoramento da palavra. O poeta Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) afirmava que “Lutar com palavras/é a luta mais vã (...)/ São muitas, eu pouco./ Algumas, tão fortes/ como o javali(...)” (OC, 2002, p. 99-101). Trata-se, assim, de uma luta inglória, pois o processo da escrita exige, tal como um ourives ou um artesão, aprimorar, limar, torcer as palavras.

A Literatura é uma arte. A arte da palavra. A ela não cabe ensinar, investigar, estudar o passado, informar, construir ou destruir princípios e valores. Não que ela não seja capaz, mas porque sua essência é arrebatador, maravilhar, encantar.

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

Esse objetivo é alcançado quando o escritor, imbuído de competência, domínio da técnica, capacidade imaginativa e criadora, inspiração e, sobretudo, talento produz obras que atravessam séculos e permanecem imortalizados no âmago do leitor.

Além do prazer, é preciso que se diga que a Literatura possibilita o indivíduo a refletir sobre o lugar no mundo, sobre outras culturas podendo inclusive ser um registro subjetivo da história. Mais do ficção, ela é um recurso para se conhecer e por que não compreender as problemáticas sociais?. “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” CANDIDO, 1995, p. 177).

Diante dessas considerações, propomo-nos a refletir sobre o que é Literatura e para que Literatura. Trata-se de um texto bibliográfico-exploratório baseado em: Compagnon (1996), Candido (1995), Lajolo (1986), Lopes (2003), Sartre (1999) entre outros.

Candido (1995) declara que se trata-se de “uma manifestação universal de todos os homens em todos os tempo. Não há povo e não homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação” (CANDIDO, 1995, p. 176). Por isso, discutir o que é e para que tem se tornado relevante em uma sociedade mercadológica e tecnológica.

Metodologia

O método é o caminho percorrido pelo pesquisador para atingir seus objetivos. Contudo, ele não é a única condição para obter êxito no resultado final da pesquisa. É necessário criatividade, originalidade, intuição do pesquisador e disposição para investigar os detalhes do objeto pesquisado etc.

Trata-se de uma pesquisa, essencialmente, bibliográfica-exploratória. Caracteriza-se pelo uso de material gráfico, sonoro objetivando proporcionar ao pesquisador maior conhecimento do assunto. Sobretudo, visa familiarizar-se com o assunto de forma mais profunda para entendê-lo em sua essência. Recorremos aos autores seguintes autores para nos auxiliar: Compagnon (1996), Candido (1995), Lajolo (1986), Lopes (2003), Sartre (1999) entre outros.

Resultados e Discussão

Conceituar ou definir um vocábulo não é uma tarefa fácil, sobretudo se o vocábulo é Literatura, palavra de caráter polissêmico e polifônico. Em sua obra, **O que é Literatura?**, (1999) Sartre afirma que a função e a natureza da Literatura encontram-se organizadas a partir de três questionamentos:

Primeiro “o que é escrever?”. Segundo o autor, escrever é uma maneira do homem se desnudar, se revelar para si e para o mundo. Ao escrever, o escritor expõe seus pensamentos, suas ideias, seus conceitos sobre si e sobre o universo. “Por que escrever?”. O escritor escreve para revelar acontecimentos. Há uma transferência da realidade para a obra escrita. Os fatos, quando transpostos para o livro, assumem um significado grandioso, é uma espécie de (re)significação dos acontecimentos vividos. Por último, “Para quem escrever?”. Conforme o filósofo, o escritor faz um pacto com o leitor, para que ele colabore para (re)pensar o mundo e a realidade na qual está inserido.

Lajolo (1995) declara que as perguntas sobre Literatura ultrapassam os séculos, porém as respostas são sempre provisórias porque a cada época surgem novos conceitos. E acrescenta: “as definições propostas para a Literatura importam menos que caminho percorrido para chegar até ela” (LAJOLO, 1995, p. 72). Mas importante do que entender o que é Literatura é essencial refletir sobre sua existência e para quê estudá-la. Afinal, a “(...) a literatura existe. Ela é lida, vendida, estudada. Ela ocupa prateleiras de bibliotecas, colunas estatísticas, horários de aula (...)” (LAJOLO, APUD ESCARPIT, 1995, p. 6)

A Literatura não é um trabalho individual de um artista. Antes, é um produto da sociedade. Coube aos filósofos gregos discutirem as funções sociais da Literatura. Platão, defensor da mimese artística, defendia que a Literatura era nociva ao bem-estar social. Para Horácio, poeta latino, a Literatura apresentava duas funções: educar e prazer. No século XVIII, correspondente ao período literário denominado de Romantismo, ela assumia uma função evasiva e escapista. Os escritores, em sua maioria, escreviam para escapar do tédio e da melancolia. Contudo, a partir do século XX, com o desenvolvimento das Ciências Sociais, a Literatura assume um caráter mais comprometido com a realidade. Escrever sob a perspectiva social para imitá-la ou negá-la é um método que se vale o escritor para aproximar a Literatura da realidade circundante.

A linguagem literária é carregada de significado. É rica, expressiva, subjetiva, pessoal, emotiva e poética. Diferentemente da linguagem do cotidiano, encontrada na fala do trabalhador ou nos textos jornalísticos, a linguagem literária nasce de um embate entre ela e o escritor, como observamos nos versos do poeta Carlos Drummond de Andrade:(83) 3322.3222

Lutar com palavras

É a luta mais vã

Entanto lutamos

Mal rompe a manhã

Algumas, tão fortes

Como javali.

(...)

Palavra, palavra

(digo exasperado)

Se me desafia

Aceito o combate.

(“O Lutador”, OC, 2002, pp. 99-101)

Segundo o professor Linhares Filho em “O Lutador”, o poeta “expõe toda a tortura na busca constante das insubmissas palavras, e, diga-se de passagem: em qualquer coisa esse poema se compara com “Profissão de Fé, de Olavo Bilac”. (2002, p. 27)

A Literatura é fruto de um árduo trabalho. Para Mário de Andrade (1975), a arte não se aprende. Quando o autor de **Macunaíma – o herói sem nenhum caráter** (1928) faz tal afirmação, ele se refere àquela parte da arte que nasce de um processo de amadurecimento, burilção, suor, depuração, domínio do material - artesanato - que faz com o talento do artista venha à tona.

Talento não se ensina, ele aflora naquele artista que sabe manusear os apetrechos de trabalho, ou seja, naquele artista que é ao mesmo tempo artesão, que tem plena consciência de que em arte o mais importante é a própria obra de arte em si. Diferentemente dos artistas contemporâneos que, em sua maioria, priorizam a ‘ vaidade de ser artista’, que não são humildes, pesquisadores, artesãos. São escravos de normas preestabelecidas pela sociedade. Esquecem-se de que “em arte a regra é apenas uma norma e nunca uma lei”. (ANDRADE, 1975, p.13)

Olga de Sá questiona “Nesta época de tanta ciência e tecnologia, para que publicar textos de Literatura? Quem por eles se interessaria?” (SÁ, 1996, p. 1). Em consonância com tais questionamentos, Antoine Compagnon em seu texto “Para que Literatura?” reflete também sobre a temática e se propõe a responder duas questões: “Por que e como falar de

literatura francesa moderna e contemporânea no século XXI?” (COMPAGNON, 2009, p. 13) Como o “porquê” é mais difícil de tratar, começará respondendo o “como”.

O estudioso declara que “A tradição teórica considera a literatura como uma e própria, presença imediata, valor eterno e universal; a tradição histórica encara a obra como outro, na distância de seu tempo e de seu lugar” (COMPAGNON, 2009, p. 14). Isso nos lembra da Estética da Recepção, concebida por Jans Robert Jauss nos anos 60 e 70 na Alemanha Ocidental, que se voltava para a recepção dos textos literários e seus efeitos no leitor.

Compagnon declara que seu maior desafio é “penetrar a contradição que afasta e aproxima eternamente a literatura e a modernidade” (...), pois gostaria que seu “ensino estivesse em contato direto com a situação da literatura hoje e amanhã” (COMPAGNON, 2009, p. 19). Em sua concepção, as núpcias entre literatura e modernidade nunca deixaram de ser conflituosas, motivo pelo qual questiona “Quais valores a literatura pode criar e transmitir ao mundo atual? Que lugar deve ser o seu no espaço público. Ela é útil para a vida? Por que defender sua presença na escola?” (COMPAGNON, 2009, p. 20). Os estudos literários têm se debruçado sobre tais indagações desde o final do século XIX, início do século XX, especialmente no pensamento produzido após as Grandes Guerras.

Compagnon (2009) afirma ser urgente uma reflexão sobre os usos e o poder da literatura e para tanto cita Ítalo Calvino (1994, p. 11) que declara que “(...) há coisas que só a literatura com seus meios específicos pode nos dar”. Afinal, o que tem a literatura para nos oferecer? Ela é indispensável, ou substituível? Corroboro quando Olga de Sá diz que a Literatura serve “Para levantar questões fundamentais, abrir nosso mundo pequenino feito de minúsculos fatos do dia-a-dia, do grande painel da reflexão humana (...)”. (1996, p.1). Em “A Literatura no Brasil” (1986), Afrânio Coutinho declara que através da obra literária tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são verdades da mesma condição humana. A Literatura é perturbativa e inquietante. Dificilmente alguém termina de ler uma obra literária com as mesmas concepções e ideias do que quando começou. Nutrindo-se da tradição ou da inovação, ela propõe novas concepções de mundo, de culturas, de estruturas sociais e políticas, questiona a condição humana. Assim, uma leitura crítica e reflexiva pode libertar o homem (leitor) das amarras que a sociedade, muitas vezes, lhe impõe. A Literatura tem como principal função a humanização do ser humano, nas palavras de Antonio Cândido (1995).

Como nada é estático, o mundo mudou e a Literatura também. Nas palavras de Compagnon “o espaço da literatura tornou-se mais escasso em nossa sociedade” (2009, p.21). Nas escolas, há cada vez menos textos literários; na imprensa, o assunto é sempre outro.

não seja Literatura, além disso, “a aceleração digital fragmenta o tempo disponível para os livros” (COMPAGNON, 2009, p. 21). Há ainda outras representações culturais como as imagens fixas e móveis que “concorrem” com a Literatura. Outrossim, a própria Literatura, aquela que é considerada ‘viva’, parece duvidar de seus fundamentos frente aos discursos rivais e as novas técnicas. E o autor é enfático ao afirmar: “Desde a modernidade a literatura entrou na “era da suspeita” (COMPAGNON, 2009, p. 23).

É preciso registrar que há uma inversão de valores em nossa sociedade: quanto mais obras são publicadas mais cresce o ódio à literatura, “considerada como uma intimidação e um fator de “fratura social” (COMPAGNON, 2009, p. 23). Não bastasse, ele declara que “a iniciação à língua literária e à cultura humanista... parece vulnerável na escola e na sociedade de amanhã” (COMPAGNON, 2009, p. 23). Cada vez mais se trabalha menos a Literatura no contexto escolar.

Também pudera! A literatura é uma arte que precisa ser apreciada e fruída em toda a sua extensão. Todavia fica difícil apreciar essa arte tendo que decorar as características das escolas literárias e a biografia do autor. O aluno (e também o professor) sente-se um alienado dentro do ambiente escolar, uma vez que tudo (sobretudo as leituras) já vêm previamente decididas. Inclusive Compagnon diz “Quando se pergunta de qual livro gostam menos, os alunos do Ensino Médio respondem Madame Bovary, o único que foram obrigados a ler”. (COMPAGNON, 2009, p. 22).

A estudiosa do assunto, em seu texto “A paradoxalidade do ensino da literatura”, afirma que o ensino da literatura tornou-se, em grande escala, um mero uso de técnicas e de métodos de aplicação da literatura e isso, por sua vez, armou uma barreira entre as obras e o mundo, gerando desinteresse e enfado. Nesse sentido, desvalorizou-se a interpretação de texto, a reflexão em torno das ideias do autor e a capacidade de argumentação que o texto traz. Consequentemente, ampliaram-se problemas de leitura e de escrita. É bom destacar, que o ensino da Literatura na Universidade não é muito diferente. Ela se resume a um “simples comentário de texto em estilo tradicional”. (LOPES, 2003, p. 93). Entender o que é literatura é fundamental para compreender para quê literatura.

A autoridade literária é um tipo de violência que afasta o leitor da obra literária e a literatura torna-se um espaço de doutrinação e “a explicação do texto” (LOPES, 2003, p. 91) funciona como um controle da ideologia dominante. “Um humanismo tradicional orientado para a formação” cedeu espaço para a “técnica de transmissão de conhecimentos” (LOPES, 2003, p.91). Ou seja, tentou-se sistematizar o ensino da literatura, assim como ocorreu nas ciências da natureza, com base na universalização de métodos e técnicas. “Foi assim que

ensino da literatura no ensino secundário se converteu em grande medida no ensino de uma terminologia técnica e de métodos de aplicação da mesma” (LOPES, 2003, p. 91). Nesse sentido, desvalorizou-se a interpretação de texto, a reflexão em torno das ideias do autor e a capacidade de argumentação que o texto traz. Consequentemente, ampliaram-se problemas de leitura e da escrita. Assim, as obras utilizadas pela educação não conquistaram o interesse do aluno, pelo contrário, gerou um desinteresse total. Sendo assim, a obra literária é pouco ou quase nada trabalhada pelos professores, que priorizam o “ensino” do conteúdo programático.

A escola ao invés de produzir seu próprio discurso, (re)produz o discurso de um sistema. Infelizmente, a Literatura sofre um processo de escolarização, no qual o artificialismo revela-se de modo recorrente por meio de atividades, exercícios escolares isolados. O que se observa é que há um discurso da escola sobre Literatura e o da Literatura sobre da escola. Parece-nos que não há uma sintonia entre esses dois discursos, na medida em que se observa um descompasso entre as práticas do ensino da Literatura que circulam na escola e as discussões recorrentes fora do espaço escolar.

Trabalhada de modo tradicional, a Literatura não desperta o interesse do aluno (seja do nível secundário, médio ou universitário) e, em algumas situações, ele chega a se expressar “Eu odeio a leitura dessas obras chatas”. Ler torna-se um tormento.

Em suma, para quê Literatura? Ela “É um exercício de reflexão e experiência de escrita, a literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo”. (COMPAGNON, 2009, p. 26).

Em entrevista a Priscila Ramalho, a escritora Ana Maria Machado (2007) declarou que a Literatura permite ao homem sonhar, enfrentar medos, vencer angústias, desenvolver a imaginação, viver em outras vidas, conhecer outras civilizações. Além disso, propicia o acesso a uma parte da herança cultural da humanidade.

Conclusões

A Literatura é um produto social que nasce de um trabalho de aperfeiçoamento da palavra. Poderoso instrumento de comunicação, instrução e educação ela precisa ser trabalhada de forma mais criativa e prazerosa no contexto escolar e acadêmico. Em muitos momentos, ela se torna uma lista de autores e obras. A insatisfação do estudante, por exemplo,

reside na metodologia empregada em seu ensino, ou seja, estamos diante de uma forma errônea e alienada de ensino.

A Literatura nos torna seres melhores, nos proporciona novos conhecimentos, nos introduz em novas culturas, nos faz (re)pensar nossos valores e princípios, nos apresenta certos dilemas éticos, nos deleita e nos diverte. Além disso, contribui para o processo de (des)alienação humana e coloca o leitor diante das grandes tragédias humanas e o torna o mais sensível as questões existenciais. Essa é, pois, a sua utilidade.

Entretanto, seu espaço tem se tornado cada vez mais escasso e sua relação com o homem mais distante. Nas escolas há cada vez menos textos literários, há outras imagens fixas e móveis que “concorrem” com a arte literária. A sala de aula, ao invés de atrair, sensibilizar e incentivar à leitura transformou-se em um espaço de doutrinação da Literatura. Além disso, existe uma autoridade literária que afasta o leitor da obra.

Infelizmente, não se prioriza a interpretação de texto, o debate e a argumentação em torno do livro. Dessa forma, ampliaram-se os problemas com o processo de leitura e com a escrita.

Discutir o que é Literatura e para que é um modo que temos para sensibilizar a todos acerca de sua importância. É um grito de alerta para que os educadores (re)ensem o seu papel de mediador da leitura. A Literatura é um direito nosso. Lutemos por ela.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Mário de Andrade. **O baile das quatro artes**. São Paulo: Martins, Brasília, INL, 1975.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 2002

COMPAGNON, A. **O Demônio da Teoria: literatura e senso comum** [Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão]. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

CANDIDO, Antonio. O direito a literatura; O esquema de machado de Assis. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. Niterói – Rio de Janeiro, José Olympio, 3 ed. rev. e at., 1986.

FILHO, LINHARES. **O amor e outros aspectos em Carlos Drummond de Andrade.** Fortaleza: Editora UFC, 2002.

LAJOLO, Marisa. **O que é Literatura.** São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1986 (Coleção Primeiros Passos)

LOPES, Silvana Rodrigues. **Literatura, defesa do atrito.** Lisboa, Ed. Chão da Feira, 2003.

RAMALHO, Priscila. Entrevista com Ana Maria Machado. *In: Revista Nova Escola.* Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br>. Acesso em 12/09/2017.

SÁ, Olga de. **Introdução a contos de cidadezinha de Ruth Guimarães.** Centro Cultural Teresa d'Ávila, 1996.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é Literatura?** Trad. Carlos FELIPE Moisés. 3 ed. São Paulo: Ed. Ática, 1999.

VIEIRA, Alice. **O prazer do texto: perspectivas para o ensino de literatura.** São Paulo: EPU, 1989.